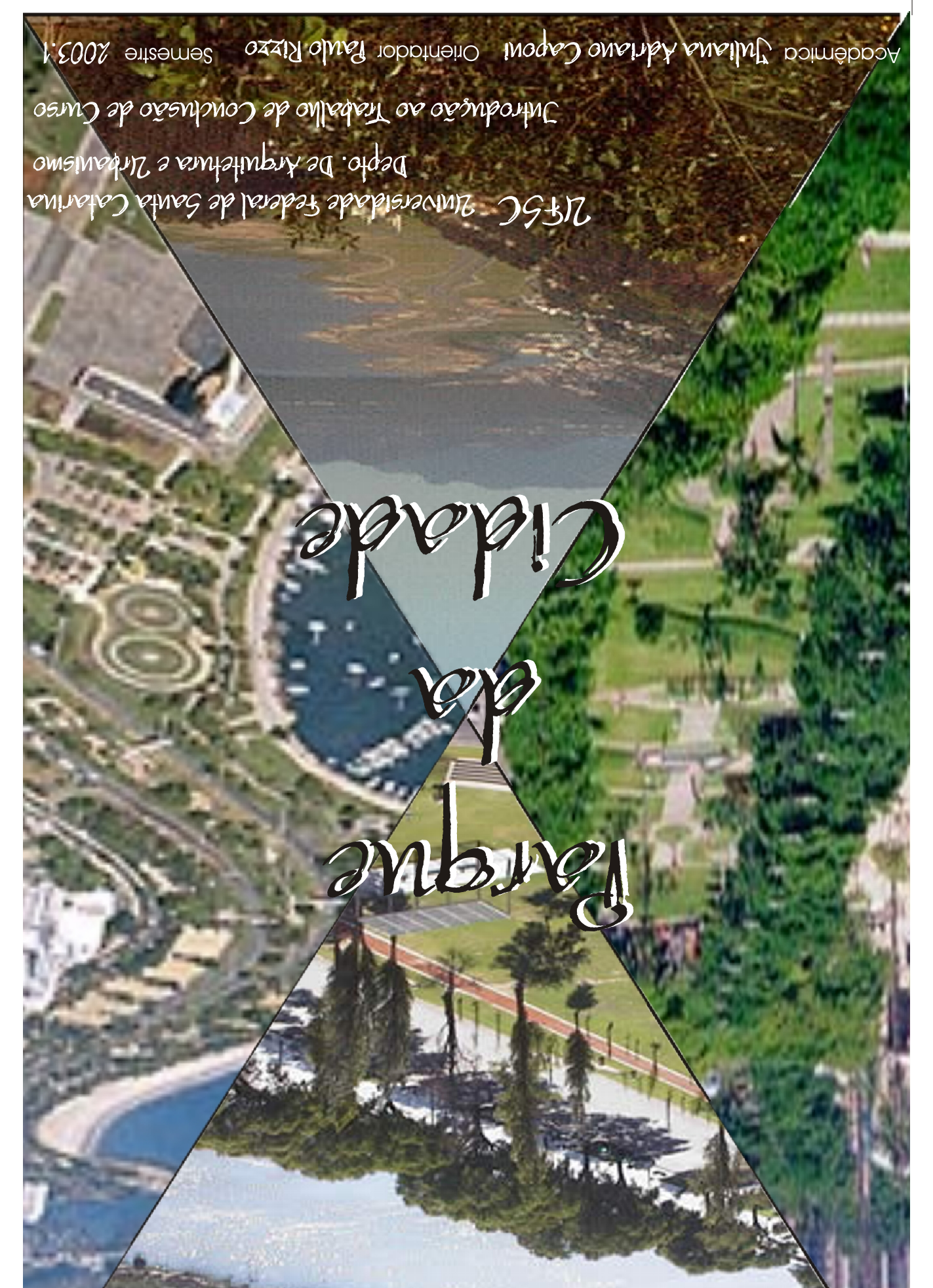
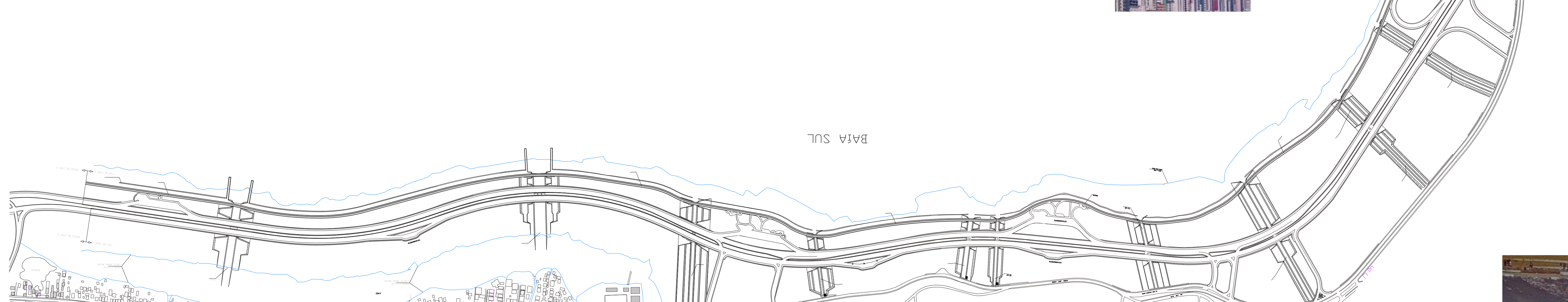


Parque da Cidade

UFSC Universidade Federal de Santa Catarina
Depto. De Arquitetura e Urbanismo
Introdução ao Trabalho de Conclusão de Curso
Acadêmica Juliana Adriano Capoui Orientador Paulo Rizzo Semestre 2003.1

☐ Vias e Estacionamentos
☐ Sistema Integrado de Transporte Público
☐ Complexo Esportivo
  - Campo de Futebol
  - Ginásio Poli-Esportivo
  - Quadras Poli-esportivas
☐ Complexo Cultural
  - Cursos / Oficinas
  - Galerias / Exposições
  - Anfiteatro
  - Auditório
☐ Atendimento ao Cidadão
  - Serviços (Correios, Deleg. Polícia, Documentação, etc.)
  - Comércio (Lojas, Restaurantes, etc.)
☐ Parque
  - Espaços Contemplativos
  - Lazer e Diversão
☐ Hidrografia
☐ Praia

Puerto Madero - Argentina



Puerto Madero - Argentina

Jardim de Santos

Volta à Ilha - maio 2003

Aterro do Flamengo

Pescadores passando por galeria de um canal

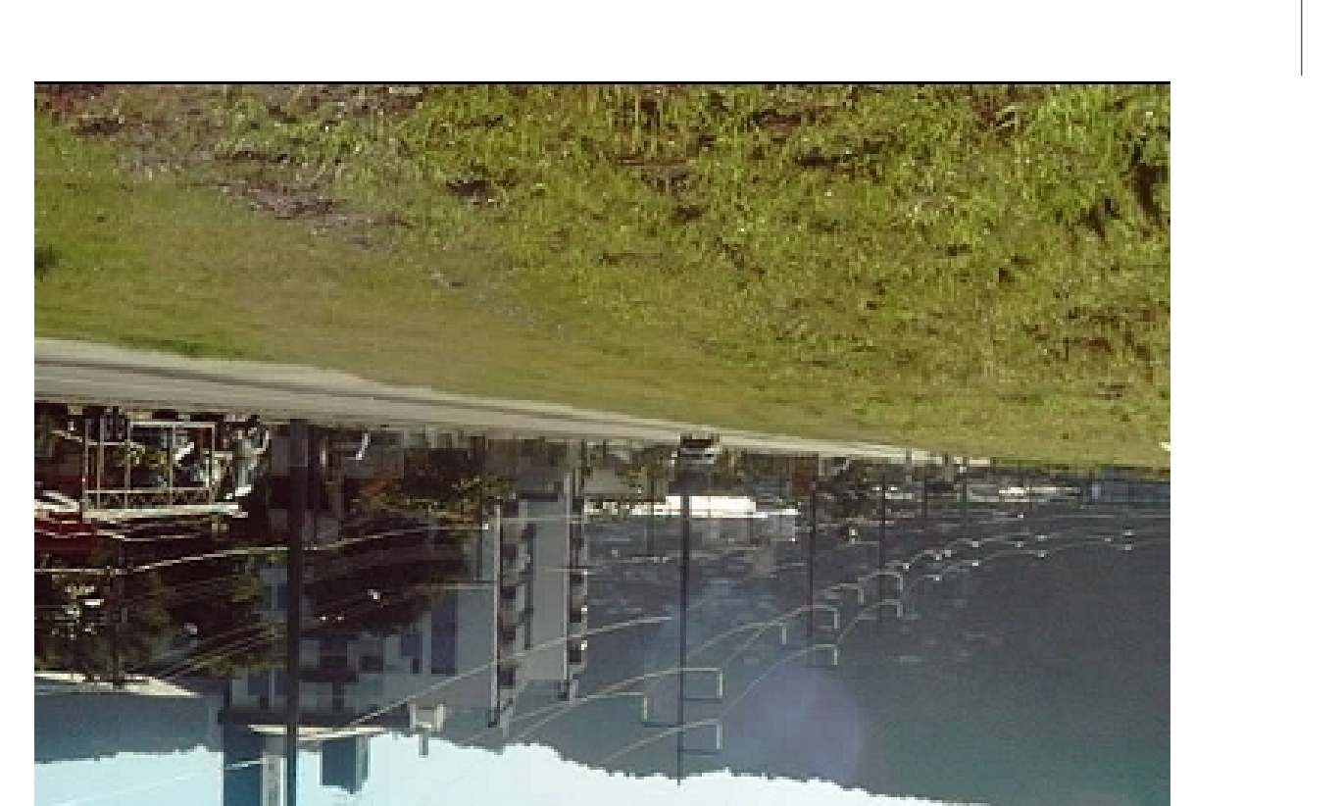
Ranchos para pescadores

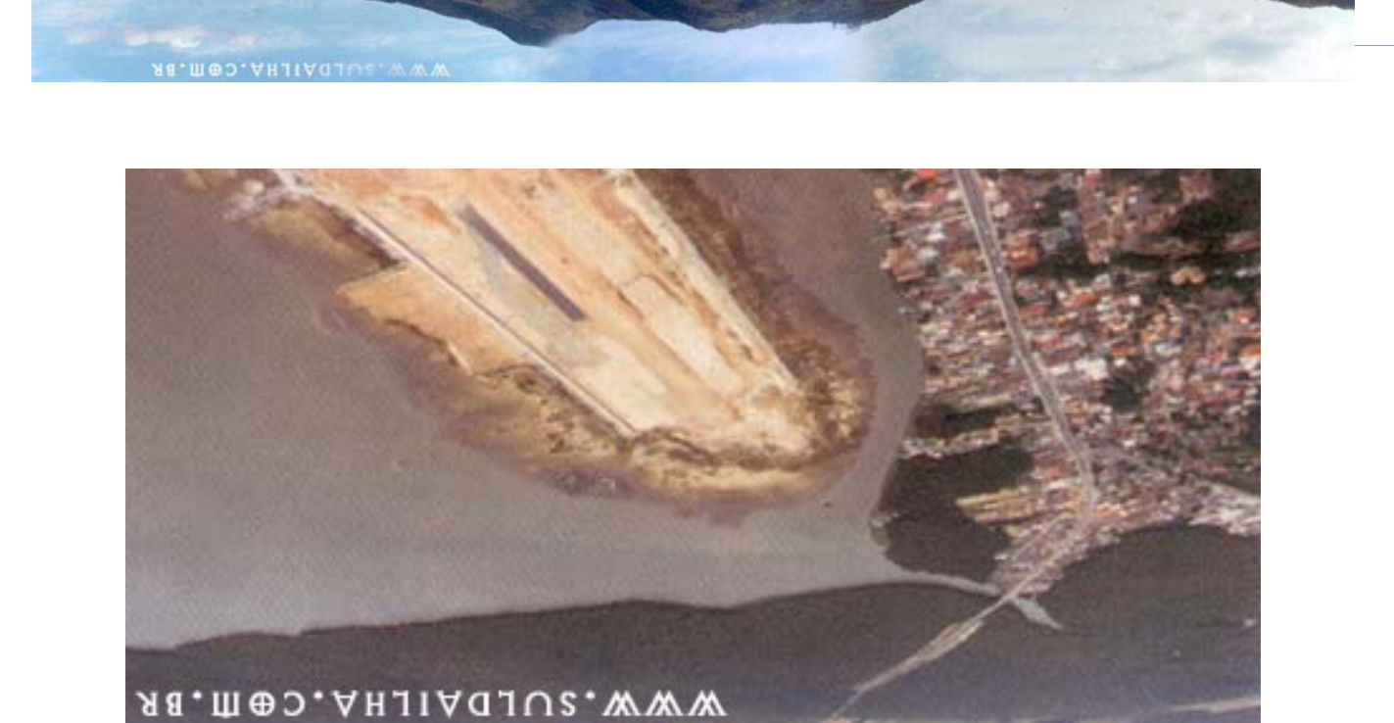
Canal e lago com ocupação do morro ao fundo

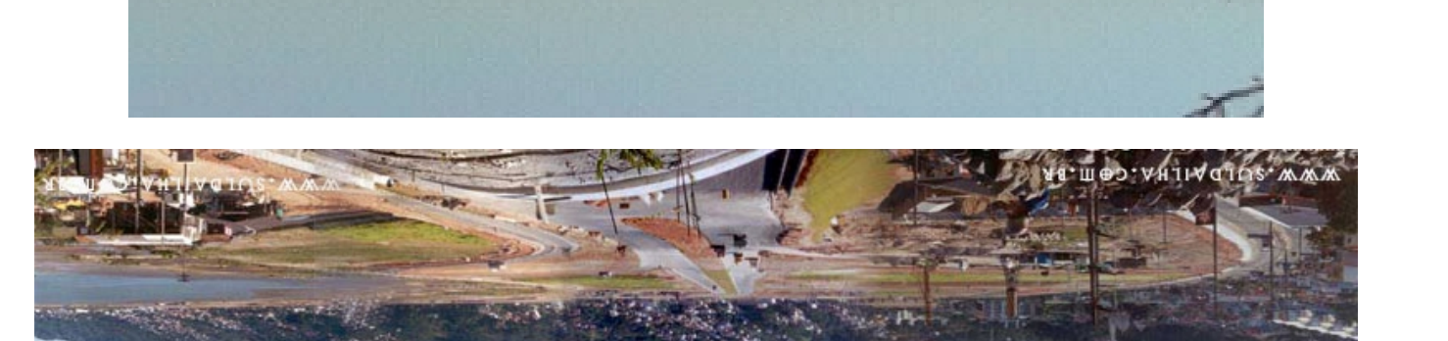
Canal visto da ciclovia

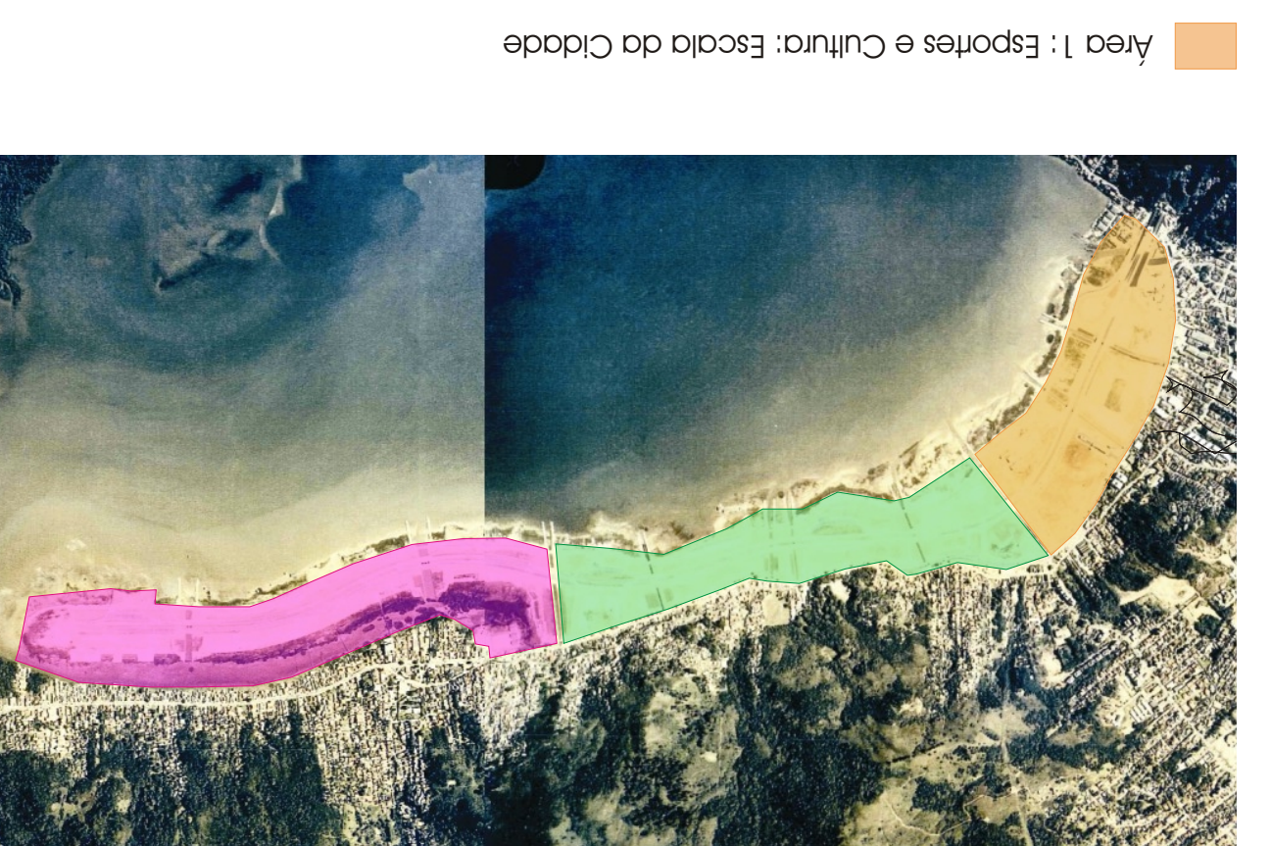
Terminal de Integração do Saco dos Limões - TISAC

Entorno: TISAC





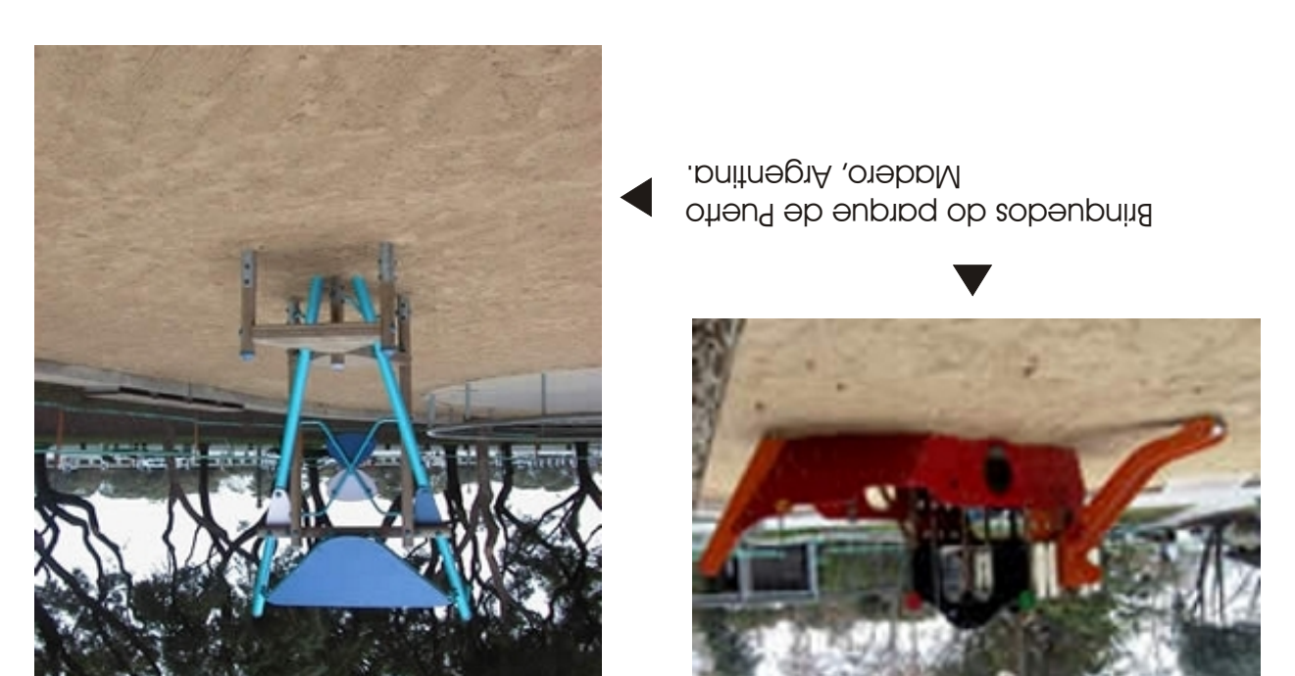




🟧 Área 1: Esportes e Cultura: Escala da Cidade

🟩 Área 2: Lazer: Escala Local

🟪 Área 3: Lazer e cultura: Escala Local e Sul da Ilha



Brinquedos do parque de Puerto Madero, Argentina.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema Parque da Cidade: Paisagismo Viário na Via Espressa Sul.

O local foi escolhido tendo em vista as necessidades da população local, da qual a autora do presente trabalho faz parte. Como moradora e freqüentadora da Via Expressa Sul desde o início de sua implantação, percebe a necessidade da criação de um projeto que atenda não somente às suas funções, mas também a dos moradores dos bairros lindeiros e da cidade que freqüentam o aterro da Via Expressa Sul.

Primeiramente, tem-se a necessidade em determinar as carências por parte da população local moradores dos bairros adjacentes (José Mendes, Saco dos Limões, Caieira do Saco dos Limões, Costeira do Pirajubaé, Carianos, Carvoeira, Pantanal e Rio Tavares), para, em seguida, determinar as carências da cidade.

Para determinar tais necessidades, foi tomado como base a conversa com vizinhos e moradores conhecidos da autora, trabalhos desenvolvidos anteriormente por graduandos deste Curso e artigos coletados na Internet.

Depois de coletadas as informações sobre a população, foi feita uma pesquisa sobre parques em aterros e em orlas, donde pode-se destacar o excelente trabalho feito em Barcelona e, no Brasil, o Aterro do Flamengo e o Jardim de Santos.

Partiu-se, enfim, para os primeiros esboços de como será o projeto, retratado a seguir em seu estudo preliminar.

PARQUES E ATERROS

ATERRO DO FLAMENGO

O Parque Brigadeiro Eduardo Gomes se localiza entre os bairros do Centro, Glória e Flamengo, entre o Aeroporto Santos Dumont e o início do Bairro de Botafogo. Ocupa uma área de 1.200.000 m² às margens da Baía de Guanabara.

Com o objetivo de preparar o Rio para as comemorações do 1° Centenário da Independência em 1922, foi iniciado em 1920 o desmonte do Morro do Castelo, que propiciaria a conquista de novas áreas no centro da cidade para a realização da Exposição Internacional.

O material retirado do desmonte do Morro do Castelo foi empregado no aterro em frente ao Calabouço e a praia de Santa Luzia, até alcançar o obelisco da Avenida Rio Branco (então Avenida Central)

A partir de 1952, são iniciadas as obras de desmonte do Morro Santo Antônio, que forneceria o material necessário para a construção de um grande aterro que, acompanhando o traçado a Avenida Beira-Mar, serviria de base para a ligação entre o centro e a zona sul. Em 1954/55, as obras foram aceleradas significativamente, visando o preparo do local para o XXXVI Congresso Eucarístico Internacional, realizado na enseada da Glória em 1955.

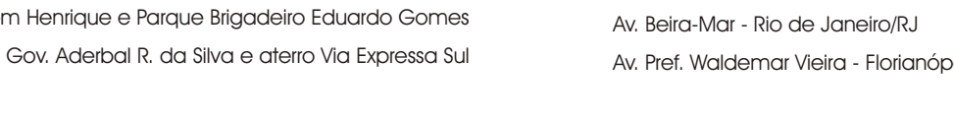
Foi no governo de Carlos Lacerda (1961-65), que foram concluídas as vias expressas no Aterro do Flamengo, bem como a arborização do Parque, tomando a feição atual.

Possui ima área gramada e cerca de 170.000 árvores de 350 espécies diferentes. Abriga o Museu de Arte Moderna, o Museu Carmem Miranda, o Monumento aos Mortos da II Guerra Mundial, o Monumento a Estácio de Sá, fundador da cidade e a Marina da Glória. Há também restaurantes, playgrounds, quadras e campos para diversos tipos de esportes.

Foi projetado por Afonso Reidy, com o paisagismo de Roberto Burle Marx, sendo a "menina dos olhos" deste.

O Parque é dividido em três extensas faixas separadas por duas vias expressas. Para a travessia das pistas, foram construídas cinco passarelas sobre as avenidas, além de três passagens subterrâneas.

Existe aqui uma semelhança com o nosso aterro da Via Expressa Sul e como foram implantados: primeiro faz-se um pequeno aterro, para uma via e, anos mais tarde um grande aterro, com área de parque e vias. (ver esquema a seguir).



ATERRO 2
ATERRO 1
RUA ANTIGA
Av. Infante Dom Henrique e Parque Brigadeiro Eduardo Gomes
Rod. Gov. Aderbal R. da Silva e aterro Via Expressa Sul
Av. Beira-Mar - Rio de Janeiro/RJ
Av. Pref. Waldemar Vieira - Florianópolis/SC

JARDIM DE SANTOS

O jardim da orla de Santos é o mais extenso jardim de praia do mundo. Possui 5,3 Km de comprimento e uma área de 218.800 m².

Começou a ser construído na década de 30, sendo concluído em 1976.

Possui mais de 1700 árvores de 20 diferentes espécies. É bastante utilizado pela população nos fins de tarde e finais de semana.

É um jardim linear, não possuindo as características de parque. Suas áreas de descanso e passeio podem ser destacadas, pois oferecem ao usuário uma sensação de relaxamento, proporcionada pelo contato com a vegetação.

PARQUES INTERNACIONAIS

Existem ainda outros exemplos a serem mencionados, como o caso de Barcelona, cuja orla foi revitalizada para as olimpíadas de 1992, sendo criados o Porto e a Vila Olímpicos, além da revitalização do Puerto Viejo.

Em Puerto Madero, Argentina, a reestruturação criou novas áreas de lazer, pois o porto foi revitalizado, proporcionando novas áreas de parque e praças.

A CIDADE DE FLORIANÓPOLIS

SUA HISTÓRIA

"Historicamente a Ilha de Santa Catarina, e posteriormente a Póvoa de Nossa Senhora do Desterro, se destacou como núcleo central do processo de ocupação do litoral sul brasileiro, e foi uma das principais portas de entrada para o Brasil Meridional".

A fundação efetiva da Póvoa de Nossa Senhora do Desterro ocorreu por iniciativa do bandeirante paulista Francisco Dias Velho, por volta de 1651. Em 1678 ele deu início à construção da Capela de Nossa Senhora do Desterro, definindo o centro do povoado e marcando o nascimento da Vila. Aos poucos foi se processando uma ocupação litorânea lenta e espontânea, por meio de sesmarias.

A partir da fundação da Colônia de Sacramento (1680), e da conseqüente necessidade de dar-lhe cobertura militar, a ilha catarinense passou a representar um ponto estratégico de importância para a Coroa Portuguesa. A sua posição era valorizada por situar-se praticamente a meio caminho entre o Rio de Janeiro e Buenos Aires, na época as duas maiores cidades litorâneas da face atlântica da América do Sul. A localização geográfica e as vantagens físicas do porto desterrense impuseram-se às razões políticas e econômicas, justificando a criação da Capitania da Ilha de Santa Catarina (11/08/1738), e motivando a implantação do mais expressivo conjunto defensivo litorâneo do Sul do Brasil. A organização do sistema de defesa ficou a cargo do Brigadeiro José da Silva Paes. Foram construídas as fortalezas de Santa Cruz, na Ilha de Anhatomirim (1738), de São José da Ponta Grossa (1740), na praia de Jurerê, de Santo Antônio, na Ilha de Ratones Grande (1740), e de Nossa Senhora da Conceição da Barra do Sul (1740), na Ilha de Araçatuba. Posteriormente foram erguidos os fortes de São Francisco Xavier, São Luiz, São João, Sant'Anna e Santa Bárbara, sendo que somente os dois últimos ainda permanecem.

A partir deste evento, o afluxo populacional tomou impulso, incrementando-se novas doações de sesmarias. Entre 1748 e 1756, aqui aconteceu o maior movimento organizado de transferência em massa de colonizadores açorianos (em torno de 6.000 pessoas). Estes colonos, além de se fixarem no núcleo central, fundaram diversas freguesias no interior da Ilha e no litoral da região continental.

No século XVIII, em 23 de março de 1726, Desterro foi elevada à categoria de Vila, e tornou-se Capital da Província de Santa Catarina em 1823, um período de grande prosperidade, com o investimento de recursos federais. Com o advento da República (1889), e a vitória das forças comandadas pelo Marechal Floriano Peixoto, em 1894, houve a mudança do nome da cidade para Florianópolis, em homenagem a este oficial.

A cidade, ao entrar no século XX, também passou por profundas transformações, sendo que a construção civil foi um dos seus principais suportes econômicos.

Hoje, felizmente, encontramos ainda marcos da história na fisionomia da cidade, representados através da sua arquitetura e de seu traçado urbano "".

(www.ipuf.sc.gov.br)

A VIA EXPRESSA SUL

COMO SURGIU A VIA EXPRESSA SUL

ATé 1950

Por volta das décadas de 30 ou 40 é fundada a atual Escola Básica Getúlio Vargas. Em meados da década de 50 a Avenida Jorge Lacerda começa a ser construída. É o primeiro aterro a ser feito fora do centro da cidade. Após a conclusão, começa a ser construída a Av. Pref. Waldemar Vieira, em mais um aterro.

DE 1950 A 1995

Os Bairros da Costeira do Pirajubaé e do Saco dos limões crescem. No Saco dos Limões, já existe inclusive uma Vila Operária. Os bairros se consolidam como tipicamente de pescadores. A partir da metade da década de 70 crescem ainda mais, absorvendo um pouco da demanda criada pela UFSC e Eletrosul. São desta década os primeiros estudos preliminares e anteprojetos para a Via Expressa Sul, incluindo o aterro e o túnel. Em meados dos anos 80 e início dos anos 90, a atividade pesqueira é mantida somente pelos antigos moradores. Os Morros começam a ser densamente ocupados, o que é percebido não só na região, mas em toda a cidade, principalmente nos bairros próximos ao Centro.

DE 1995 A 2002

A obra da Via Expressa Sul foi iniciada em junho de 1995, tinha um custo inicial de R$ 28 milhões e um prazo de três anos para ser concluída. Oito anos depois, a obra está semi-acabada, ocorrem no local congestionamentos intermináveis - principalmente em dias de jogos na Ressacada, estádio do Avaí - e o custo da obra hoje (Fevereiro de 2003) é de R$ 69 milhões. (Fonte: Jéferson Lima, em A Notícia)

Antes mesmo de terminar o período para sedimentação do aterro, moradores dos bairros da Costeira e do Saco dos Limões já utilizavam a área para lazer, criando campos de futebol e vôlei na areia fofa retirada do fundo do mar. Essa utilização continuou ocorrendo durante todo o período de obras, sendo os campos movidos para um lugar ou outro, no final, na orla criada pelo aterro. Orla que proporcionou o "reaparecimento" das Praias do Saco dos limões e do Ferrujo, conforme nos informa o Guia Digital Florianópolis.

Antes do aterro para a construção da Avenida Waldemar Vieira tenha, pelo povo, subdivisão em Praia da Vila Operária, Praia do seu o Campo Moré e Praia do Canto do Saco. Eram designações sem nenhum registro cartográfico, e, hoje, nada mais significam para a comunidade, a não ser a Praia do Ferrujo.

A denominação Saco dos Limões deriva, em primeiro lugar, da configuração Geográfica saco, isto é, uma prolongada e fechada enseada. E, segundo, dos limões, por ter, a região banhada pela praia e pelo Saco, muitos limoeiros.

O limão era fruto muito procurado pelas embarcações, com a finalidade de preparar refresco, e xarope para o tratamento do escorbuto, uma virose que provocava elevada desidratação, podendo levar a morte. Era considerada, a temida doença de bordo, e por isso, todo o navio que se prezasse deveria ter limões à vontade para socorre à tripulação e passageiros. Todos os barcos que passassem pelo Porto e pela Ilha de Santa Catarina deveriam colher, ou comprar, limões, no Saco dos Limões.

Virgílio Várzea em "A Ilha", registra que na Praia de Saco dos Limões funcionaram muitas caieiras.

Com o aterro para a construção da Avenida Waldemar Vieira, a praia sofreu muitas alterações. Atualmente com mais um aterro, agora para implantação da Via Expressa Sul, a antiga praia, desapareceu .

Uma nova praia de areia branca e fina, está a se formar na orla nova. É a nova Praia do Saco dos Limões.

Localiza-se na Sede do Sub-Distrito do Saco dos Limões, tendo início no lado Sul da Ponta do Saco e termina junto à foz do riacho da Gema do Ovo no Canto do Saco. Trata-se de uma praia argilo-lodosa.

Apresenta uma constituição de mangue.

Tem ela como principal uso, servir de acesso ao mar pelos pescadores, para a pesca do camarão e da coleta do berbigão. Existe no local grande quantidade de berbigão, e sua coleta é procedida, principalmente por mulheres.

Em função da pesca, surgiram, ao longo dela, muitos ranchos de pescadores para guarda de seus apetrechos e de embarcações, Foram 120 ranchos, e mais de trezentas embarcações. Contudo, pescadores profissionais, não alcançam uma dúzia, sendo os demais amadores para complementação de renda familiar e pratica esportiva. Esses ranchos foram indenizados por ocasião do Aterro hidráulico (1996),

Tem-se que todo o contorno do Saco dos Limões, Canto Ferrujo e Costeira do Pirajubaé, compunham a mesma praia. Com surgimentos de pequenos povoados, afastados, e sem comunicação direta à época, foi, a praia, sendo desmembrada para identificar cada aglomerado. Resultou, então, o desdobramento da Praia do Saco dos Limões em diversas outras, como a do Ferrujo.

Tem, a praia do Ferrujo, início no Canto do Saco, foz do riacho da Gema do Ovo e termina em outro riacho, o do seu Jacques, quando começa a Costeira do Pirajubaé.

Originariamente era a única parte arenosa, areia média e amarelada (cor de ferrugem) do Saco dos Limões. Tinha o fundo lodoso e com muitos detritos, resultado de despejos descontrolados, e ainda os trazidos do norte. É uma praia de mar manso. Com os aterros, a praia antiga desapareceu. Quando antes do último soterramento estava a ser naturalmente reorganizada. Atualmente foi deslocada para a orla do aterro hidráulico da Via Expressa Sul e, com boas perspectivas de poder servir à comunidade, para lazer e pesca.

O Saco dos Limões dos pés de limão fartos que cercavam os terrenos do bairro, foi, até pouco antes da instalação da Via Expressa Sul - prometida para ser inaugurada (primeira parte) ainda este ano, era também farto em berbigão. Por isso, desde que o mar foi impiedosamente afastado, a alegria daquele povo já não é mais a mesma. Havia cumplicidade natural entre o homem e o mar.

(http://www.an.com.br/ancapital/2002/mar/14/1fal.htm)

Pouco antes da inauguração do primeiro trecho, as pistas eram bastante utilizadas pela população para a prática de esportes e lazer, se destacando o aeromodelismo nos domingos. Após a abertura das vias, este vem sendo realizado no trecho não inaugurado.

OS DIAS ATUAIS E O FUTURO

Atualmente, o aterro vem sendo utilizado principalmente nos finais de semana e somente durante o dia para a prática de esportes e lazer, visto que somente agora é que começaram as obras de iluminação. A ciclovia vem sendo bastante utilizada para a prática de esportes pelos moradores durante todos os dias. Também é comum vermos crianças e adolescentes brincando com suas pandorgas nos descampados.

A Via Expressa Sul, em seu curto período de "vida", já foi palco de duas importantes competições nacionais: a Copa Clio/Fórmula Renault e a Volta a Ilha de Florianópolis. Esta em maio deste ano e aquela em Setembro de 2002.

É importante destacar ainda que Florianópolis vem se tornando destaque na área esportiva, seja na realização de eventos esportivos, seja ascensão de seus atletas.

JUSTIFICATIVA

Segundo Silvio Soares de Macedo, existem três tipos de qualidade da paisagem. A primeira, Ambiental, a qual mede as possibilidades de vida e sobrevida de todos os seres vivos e das comunidades na paisagem existente. A segunda, Funcional, que avalia o grau de eficiência do lugar no tocante ao funcionamento da sociedade humana. A terceira e última, Estética, apresentando valores com características puramente sociais, atribuída pelas comunidades humanas a algum lugar, em um momento do tempo.

Para qualificarmos, então, a paisagem, necessitamos ainda considerar alguns pontos:

Características funcionais do suporte físico do lugar: solo, subsolo, redes de drenagem, aqüíferos;

Características climáticas e as diferentes formas e possibilidades de adaptação das comunidades de seres vivos a essas características;

Características do ecossistema existente;

Os valores sociais e culturais atribuídos ao local e suas implicações na sobrevivência das diferentes formas de vida existentes e nas formas de comportamento social:

Os padrões de ocupação antrópica;

O grau de processamento das estruturas ambientais existentes, seu potencial de utilização e de sobrevida perante um processo qualquer de uso, exploração e ocupação humana;

As características dos elementos componentes da estrutura morfológica da paisagem e as diferentes formas de ocupação humana.

Área muito grande: 1.800.000 m² de aterro

Área desocupada e sem paisagismo (início)

Localização: próximo ao Centro e Sul da Ilha, servindo de ligação dos mesmos com a UFSC/Trindade e Leste da Ilha.

Carência de áreas esportivas, culturais e de lazer pelos moradores dos bairros locais, adjacentes e até da cidade.

Proposta do Plano Diretor para a área: designação de áreas para construções turísticas impróprias para o desenvolvimento e lazer da cidade como um todo. A construção de edifícios (até 6 pavimentos!!) particulares em aterros públicos não é permitida por lei.

PROBLEMÁTICA

A via de circulação rápida se constitui em uma barreira entre o mar e a população. Neste aspecto, o afastamento do mar quebra a relação de proximidade entre o pescador e o mar.

Odor desagradável dos canais de escoamento das águas fluviais esgoto clandestino fica a céu aberto.

Alguns pontos já sofrem com a sedimentação do aterro: de acordo com a Iguatemi, são 16 pontos críticos.

Vandalismo: na parte não acabada, placas de sinalização foram roubadas e há indícios de fogo na vegetação hidrosemeadura em alguns trechos.

Condição ambiental duvidosa, conforme trechos extraídos de Loreley Garcia citados a seguir:

Quem passasse pelo sul da ilha de Santa Catarina no ano de 1999 se espantaria com o contraste entre o que vê e a imagem da ilha que faz o marketing turístico: belezas naturais, paraíso do surfe, ilha da magia. Neste trecho da ilha não há praia ou qualquer atrativo de veraneio, entre o morro e o mar fica o canteiro de obras da estrada, o aterro cercado por um canal onde corre esgoto. Ao longe, avista-se um braço de mangue penetrando pelo mar; a parte que margeia a terra firme foi cercada. Entre morro, estrada, aterro, canal de esgoto e favela fica a Reserva Extrativista Marinha de Pirajubaé.

Para quem desconhece os marcos imaginários que delimitam a reserva é difícil reconhecê-la. É composta de mar e mangue estando separada do bairro apenas pela vala de um canal e a cerca de arame.

Esse é o cenário da primeira reserva marinha do país, a única localizada em área urbana. Quando falamos em reserva ambiental imaginamos um ambiente natural preservado, mas quem vê Pirajubaé choca-se com a depredação do local.

(...)

Podemos afirmar que ate os anos 90, as políticas públicas para o meio ambiente no Brasil, alinhavam-se em torno da visão conservacionista, ligada à manutenção dos parques e florestas sem qualquer vinculação com os habitantes da unidade de conservação. Quando a população ocupava a cena era para ser despejada ou reprimida.

Revendo sua postura, o Ibama aderiu a uma postura mais atualizada do movimento ecológico mundial: considerar a comunidade humana como parte integrante da área de conservação.

Do conservacionismo tradicional, agora, incorpora o homem, reconhece a importância da esfera social e abandona a apologia aos parques fechados (Diegues, 1996)

(...)

Em 1992, junto com o Cnpt - Centro Nacional de Desenvolvimento Sustentado das Populações Tradicionais, foram criadas 5 reservas extrativistas. Às vésperas da Conferencia Internacional sobre o Meio Ambiente - Eco 92, sugere uma tentativa de "mostrar serviço" no nível internacional para conseguir empréstimos do BID ou Banco Mundial, afinal estamos na época do (des) governo Collor. Pirajubaé é desta leva.

Foi criada a partir da demanda local e da organização dos pescadores em uma associação que serviria como agente fiscalizador da reserva e da execução do plano de desenvolvimento para a comunidade local, a Aremapi Associação da Reserva Extrativista Marinha de Pirajubaé.

(...)

O Cnpt entende por populações tradicionais as comunidades ligadas a tradições, com cultura e valores próprios. O tradicional não sugere o estático, pois está em constante processo de mudança, essas populações são dinâmicas e, desde que sejam preservados a identidade grupal e os elementos simbólicos, trazem como resultado uma interação positiva com a natureza.

São comunidades que tradicional e culturalmente têm sua subsistência baseadas no extrativismo de recursos naturais renováveis. Não são atrasadas ou refratarias ao progresso e a modernização. O que está no centro do seu interesse é a relação conservacionista com o meio; elas antecipam a sociedade do séc XXI.

Os conflitos observados dizem respeito à defasagem entre a moral contemporânea e as éticas do ambiente em voga neste final de século e a moral e a ética tradicionais, praticas e costumes alheios ao discurso politicamente correto.

Trata-se de detectar dentro das tradições quais práticas seriam predatórias, qual costume poderia ser redimensionado no processo de educação ambiental.

Alguns dirão que mexer em elementos internos de uma cultura poderá vir a comprometer o conjunto daquele universo cultural. Mas também já foi dito que as culturas são dinâmicas, portanto, comportam mudanças, sobretudo se introduzidas respeitando o valor da sua integridade. ambiente que vemos hoje é resultado da interação comunidade/ ambiente e implica na sustentabilidade do meio. A área mantém-se preservada justamente por causa da intervenção da comunidade sobre ela, a interação entre ambos constrói uma historia comum inscrita no meio natural.

(...)

O plano de desenvolvimento precisaria reforçar o caráter comunal, e não o inverso. Em Pirajubaé, o Ibama ofereceu cursos profissionalizantes para pescadores, sem o menor conhecimento do desejo dos pescadores e em vaga conexão com as linhas mestras do Cnpt. Um pescador que vira pedreiro, mecânico, digitador ainda é um pescador? Se valorizam sua ação, porque tentam fazer com que deixem de ser o que sempre foram? Se mudarem de atividade, qual será o vinculo com a comunidade?

Os cursos que ninguém pediu acabaram por não ter inscritos em numero suficiente e as vagas foram preenchidas por policiais e bombeiros. Não por acaso, enquanto a pesquisa desenrolava (julho a dezembro 1999), a técnica encarregada da Resex foi substituída a pedido da Aremapi.

Em Pirajubaé, a pesquisa mostrou que poucos associados da Aremapi vivem exclusivamente da pesca, embora todos pratiquem o extrativismo em alguma medida, mesmo como pratica desportiva. Destaca-se o fato dos diretores da associação não serem pescadores profissionais. Aqueles que se dedicam à pesca em tempo integral são desempregados ou aposentados.

Todavia, observa-se que categoria pescador é mais ampla do que aparenta. Em pesquisa do Cecca/Udesc 95/6 o morador da Via Costeira é enquadrado em 4 categorias:

- os que vivem exclusivamente da pesca ou da extração;

- os que desenvolvem outras atividades profissionais, mas a reserva protéica da família vem diretamente da pesca;

Todavia, observa-se que categoria pescador é mais ampla do que aparenta. Em pesquisa do Cecca/Udesc 95/6 o morador da Via Costeira é enquadrado em 4 categorias:

- os que vivem exclusivamente da pesca ou da extração;

- os que desenvolvem outras atividades profissionais, mas a reserva protéica da família vem diretamente da pesca;

- os que pescam esporadicamente por lazer ou tarefa;

- os que não praticam o extrativismo.

É um público mais diversificado que o das outras reservas do Cnpt na Amazônia, para ele que será feito o plano de desenvolvimento que, caso não demonstre aplicabilidade poderá pôr a perder toda a proposta da Resex.

Numa reserva com as características de Pirajubaé, pesqueira e urbana, é complicado criar alternativas de renda e trabalho e, ao mesmo tempo, garantir a manutenção da atividade tradicional. Se agregar habilidades comerciais ao seringueiro fortalece seu papel de extrativista; oferecer cursos profissionalizantes para pescadores fará com que esta população se descaracterize até perder a condição de população tradicional.

O questionário socioeconômico contemplou a questão: que cursos gostariam de freqüentar? Observou-se que uma ampla parcela (75%) não tem qualquer expectativa em relação a cursos. O restante definiu 3 tipos de aprendizado: nova atividade, aprimoramento da atividade atual e educação ambiental.

Cursos com caráter de especialização como motor de popa e diesel, carpintaria naval e arraes. Com relação à educação ambiental, o que interessa é conscientização, fiscalização, preservação da área, técnica de pesca e tarrafa para jovens e crianças.

Nas demais respostas, observa-se o desejo de desenvolver uma nova atividade como pedreiro, motorista, costureiro, desenhista, eletrônico, eletricista e até canto.

Supostamente não é tarefa do Cnpt o treino de desempregados ou sua reinserção no mercado de trabalho, um problema bem mais amplo do que a abrangência de sua competência. Não se trata de transformar pescadores em ferramenteiros, porem garantir que possam manter-se pescadores numa situação de dramática criada, no limite pelo próprio Ibama que forneceu a licença para a construção da Via Expressa Sul.

(...)

A historia de Pirajubaé leva à total descrença da ação dos órgãos governamentais. Ela foi criada para a conservação do Rio Tavares e o desenvolvimento social da população que tradicionalmente explora os recursos naturais da região. Sua principal função é a exploração sustentada das espécies de interesse econômico, aliando conhecimento tradicional ao cientifico.

O ambiente marinho composto de manguezal e baixio é energeticamente interligado pela exportação de matéria orgânica do mangue para o mar e uso de mangue por espécies típicas do baixio e água da baia. Alem das espécies visitantes que usam a água como criadouro. (Von Behr, n/d)

A Resex foi criada em área de crescente expansão urbana na baia sul da ilha de Santa Catarina e vem sofrendo agressões ambientais devido à falta de planejamento para o desenvolvimento urbano.

Sua implantação exigiu muita discussão entre técnicos, população e Ibama reivindicando a transformação de parte da baia e manguezal em reserva. A Resex diminui a urbanização com a construção dos canais que servem de marco, separando a reserva do bairro e o mangue da favela.

Cinco anos depois, após a realização do Eia para construção da Via Expressa sul, tem inicio a dragagem para a construção do aterro hidráulico da avenida próxima à reserva . Ficou um enorme buraco de 1500 m por 10 m de profundidade na área produtiva da Resex, este local era o criadouro de berbigão e camarão. Perdeu-se 2/3 da área de captura, sem contar o prejuízo ecológico. Para minimizar o estrago surgiram propostas como o cultivo de moluscos, plano de manejo e medidas mitigadoras que estão no papel ate hoje.

Há consenso sobre o Ibama ter errado permitindo que se danificasse a área. Existia areia em Tapitingas que poderia ter sido retirada sem prejuízo para a Resex, mas ela foi retirada do baixio e os documentos do DER justificam que Tapitingas só havia argila, imprópria para o uso.

O manguezal foi cercado por canais para impedir a destruição pela urbanização. O lado que ficou de fora da reserva não foi menos atingido, há um núcleo de favela separado do mangue dividida somente pelo canal, estão praticamente dentro do mangue, mas fora da linha demarcatória da reserva. Esta população não é servida por qualquer tipo de infra-estrutura de onde se supõe que os dejetos domésticos migrem diretamente para o mangue. Estão lá há uns 10 anos, usufruem a reserva - seu quintal - sem que sejam sócios da Aremapi. Estão excluídos de tudo, até da condição de população tradicional.

Ocorre que a resolução 013/90 do Conama estabelece uma área de entorno das UCs de 10 km a partir de seus limites (zona tampão), qualquer atividade que possa desestabilizar o ambiente, precisa ser submetida à aprovação da entidade responsável pela administração e estar contemplada nas diretrizes do plano de manejo.

Na hora de decidir sobre a construção da estrada a comunidade não foi chamada, ficou sozinha, somente a procuradoria da Republica, percebendo os abusos, embargou a obra temporariamente. Nem partidos, nem Igreja, Ongs, sindicatos, ninguém se manifestou a seu favor, exceto eles mesmos que chegaram a colocar barcos na avenida em manifestação de protesto. Como se vê, o fôlego deste movimento foi curto.

A Comunidade fala sobre si mesma

A população tradicional do sul da ilha de Santa Catarina tem algumas especificidades, são pescadores que descendem de colonos açorianos.

o que se observa é que a construção da identidade local e a produção de bens culturais ligando-se a cultura açoriana nas suas raízes, desta maneira o discurso da tradição acaba funcionando com fins políticos. É ela que permite a sobrevivência de uma comunidade tradicional dentro de um centro urbano, pelo menos ate o momento.

Os ritmos da natureza, seus segredos, foram aprendidos com os índios, nos Açores não se pesca desta forma e nem se pratica a catação. Vergara (96) coloca que desde os primeiros contatos o individuo adquiriu conhecimento de como utilizar o ambiente aprendeu a respeitá-lo, conviver com ele, conhecer seus fenômenos e sua mística e expressar-se nos usos, costumes, tradições e crenças formando assim seu traço cultural. Nestas comunidades desde a forma de utilização do espaço ate a linguagem, as superstições e mitologias são um misto das informações que vem desde a ocupação; nesta a influencia da cultura indígena é traço marcante.

Todos os informantes estão na área há pelo menos oito anos, todos participaram da implantação da reserva. Quando se aborda este tema há uma unanimidade: todos gostam do lugar em que vivem, mas assinalam inúmeros problemas. Falam de um passado idílico, da fartura, da abundancia, mesmo os que fazem a apologia do progresso, no discurso lembram um tempo, real ou imaginário, em que se "amarrava cachorro com lingüiça".

Sobre o agora e os benefícios que a urbanização trouxe para o bairro, falam da possibilidade de ter as famílias vivendo próximas, incremento de comercio e serviços, ter maior movimento nas ruas, a infra-estrutura, o crescimento da comunidade, a ajuda mutua entre vizinhos, o fim do isolamento e da solidão, sentem-se mais protegidos com os vizinhos ao redor, tem mais amizades, o bairro ficou mais valorizado, melhorou o visual. Basicamente, o que os beneficia é o aumento do conglomerado.

Com relação aos prejuízos declaram que os principais efeitos negativos da urbanização foram: esgoto jogado no mar, arruamento irregular, aterro, fm da mata nativa, a droga, vandalismo, insegurança, perda do sossego, lixo e poluição jogados no mar, crescimento desordenado, aumento do barulho, agitação, gente pescando sem habilitação, violência e problemas ambientais.

O esgoto corre ao lado do aterro, há uma comunidade de ratos invadindo o local e algumas novas doenças decorrentes do descaso já forma detectadas na área, como a hepatite, leptospirose, micose e alergias de pele.

> *"Ela é importante, dali que sai o alimento: marisco, berbigão, peixe, camarão, só que ela está sendo devastada. A reserva é o pão, tem de ser cuidada senão não vai durar mais nada. Antes tinha pouca gente, o pessoal que veio de fora começou a se aglomerar e isto trouxe muita sujeira. Antes era malha de carreão, depois de 92 deixaram de usar a malha por medo, ainda usam, mas...".*
>
> *"A resex é importante pra cuidar do que sobrou, antes do aterro era bem melhor, saia de casa as 7 e as 0 hs já tava de volta com 2 salários ganhos, hoje não vai ganhar nada porque dentro da resex não existe mais nada".*

A percepção da lei de crimes ambientais também se destaca no imaginário da comunidade, sentem-se claramente vulneráveis a estas leis que, segundo sua visão, criam uma serie de desigualdades, uma distribuição de justiça que não garante a equidade:

> *"Quando começaram a reserva foi na era Collor, entre os lagos e as baias ficariam os criadouros intocados, lagoas, baia parte do manguezal seria intocáveis, nada poderia prejudicar a costa ou o manguezal. Antes da reserva a via costeira dava camarão ate o rio da Base, se pescava normalmente e era a Caça e Pesca que fiscalizava e era mais respeitada que hoje. Hoje a Policia Ambiental não fiscaliza, não tem condições nem embarcações, mas quando é pra pegar quatro ou cinco pingüins daí aparece embarcação, pra levar pro alto mar. Ë uma coisa que incomoda, 2 ou 3 pássaros valem mais que todo o projeto de uma reserva? Às vezes chega um barco pesqueiro, um nativo mata uma manjuba pra comer, chega a policia e leva a tarrafa dele, ele é punido... A vida de um pássaro vale mais que a vida do seu filho? Se matar um cara paga fiança e ta solto, mas se matar um pássaro fica chaveado... quem fez esta lei não soube separar o certo do errado".*

Quanto à relação entre comunidade e ambiente não se percebe um compromisso maior com a tarefa de fiscalização, a idéia de que o local é nosso existe, mas de que é nossa responsabilidade, não. A auto imagem que têm oscila entre a postura critica e a auto-proteção.

> *"Ninguém tem cuidado, a maioria joga lixo, joga tudo, quem esta destruindo isto aqui não é a comunidade, mas as forças maiores como o Ibama que deixou aterrar isto aqui, deixou estragar o baixio, prejudicou todo mundo."*
>
> *"A comunidade não faz nada que prejudique a natureza, o que prejudicou foi o aterro. Haviam outros meios, fazer uma ponte, por exemplo, sem prejudicar a natureza. A comunidade não dá valor ao local, não faz nada pra ajudar, mas também não prejudica".*
>
> *"A comunidade não trata não, agora vai fazer mais o que??? Só quem não entende o futuro...Agora todo mundo critica a costeira por causa do aterro. Mas, por que? Eu vou culpar a comunidade? No inicio da dragagem eu fui o primeiro a botar minha embarcação no meio da pista e me chamaram de maluco, achavam que onde a draga ia cavar seria um viveiro de peixes e em nada prejudicaria. Eu avisei, tenho conhecimento, pesquei anos naquele baixio, a draga estava prejudicando".*
>
> *"Acho que nossos filhos não vão ter este privilegio por causa do aterro, senão ate hoje pegaríamos camarão sem precisar sequer de embarcação, aqui dava tudo... o estrago, o impacto, a paulada foi tal que perdi o entusiasmo. Hoje é difícil ate ter embarcação, a gente pesca porque gosta, não consigo viver longe do mar, tenho que estar dentro dele. Eu queria viver só do mar, mas não tenho como, não vou deixar minha família na privação...eu mantenho a rede na esperança de um dia voltar a dar".*
>
> *"Quanto à duração acredito que se não começar a destruir como agora, acredito que sim. A Ambiental tem de orientar e não tirar a tarrafa do cara que custa meio salário. Hoje não se pode derrubar um tronco pra fazer uma canoa que o cara é preso...Por que não fizeram a estrada no morro? Prejudicou a floresta? Quantos mil berbigões foram enterrados pela draga na grua que eles cavaram? Isto o Ibama não olhou, nem a Fatma. Tinham que ter analisado e feito reuniões com as pessoas que vivem aqui pra ver se concordavam, se aceitavam, se ia prejudicar".*
>
> *"A draga poderia ter cavado mais fora um pouco, a grua comeu todo o principal criadouro de camarão. Acho que eles abusaram".*

A percepção da lei ambiental como produtora e reprodutora das desigualdades existentes na sociedade global é discurso recorrente: o rico derruba o morro e nada acontece, o governo coloca a draga para destruir e tudo bem, mas se o pescador pesca com rede fora do padrão é enquadrado na lei.

A resex e o aterro são muito próximos , um é extensão do outro, se fundem, um acaba onde o outro começa. O quadro é surrealista, há uma área protegida por decreto que desemboca numa zona completamente destruída pela dragagem e a estrada. Surreal e ilegal, como vimos.

Se a comunidade causa qualquer prejuízo, ele é mínimo frente ao prejuízo criado pela estrada.

Do total dos discursos percebe-se um desejo de que a comunidade se conscientize, apesar do descrédito há um anseio para investir em alternativas do futuro. A oferta de alternativas é vista com desconfiança, mas pode unir-se ao desejo de recuperar as perdas.

PROGRAMA

Consiste em criar, no aterro da Via Expressa Sul, lugares onde as pessoas possam se encontrar, se divertir e descansar. Para tal, encontrou-se a necessidade de alguns equipamentos, divididos em setores, espalhados ao longo do aterro.

SETOR ESPORTIVO: Ginásio polivalente com capacidade máxima de 10.000 pessoas, campo de futebol, quadras poli-esportivas, quadras de tênis, half, pistas para skate e patinação, quadras de futebol e vôlei de praia, aluguel de bicicletas.

SETOR CULTURAL: Museu da Cultura Ilhoa, centro de artes, galeria de exposições, anfi-teatro ao ar livre, auditório, feira de utilidades e artesanato.

SETOR DE LAZER: jardins contemplativos, playgrounds, espaço para idosos e deficientes, pomar.

SETOR DE COMÉRCIO E SERVIÇOS: bares e restaurantes, lojas de artigos esportivos e artesanato, agência dos correios, bancos, posto policial, seção de documentos, achados e perdidos, cartório.

SETOR DE APOIO: Terminal de Integração, estacionamentos para 2500 vagas para automóveis e 500 vagas para ônibus, administração do Parque, banheiros públicos.

Todos os setores serão integrados por critérios específicos, levando-se em consideração os fluxos e a localização (fatores micro-climáticos insolação, ventos). Os critérios de arborização são definidos conforme Lúcia e Juan Mascaro mostraram em estudos feitos em Porto Alegre.

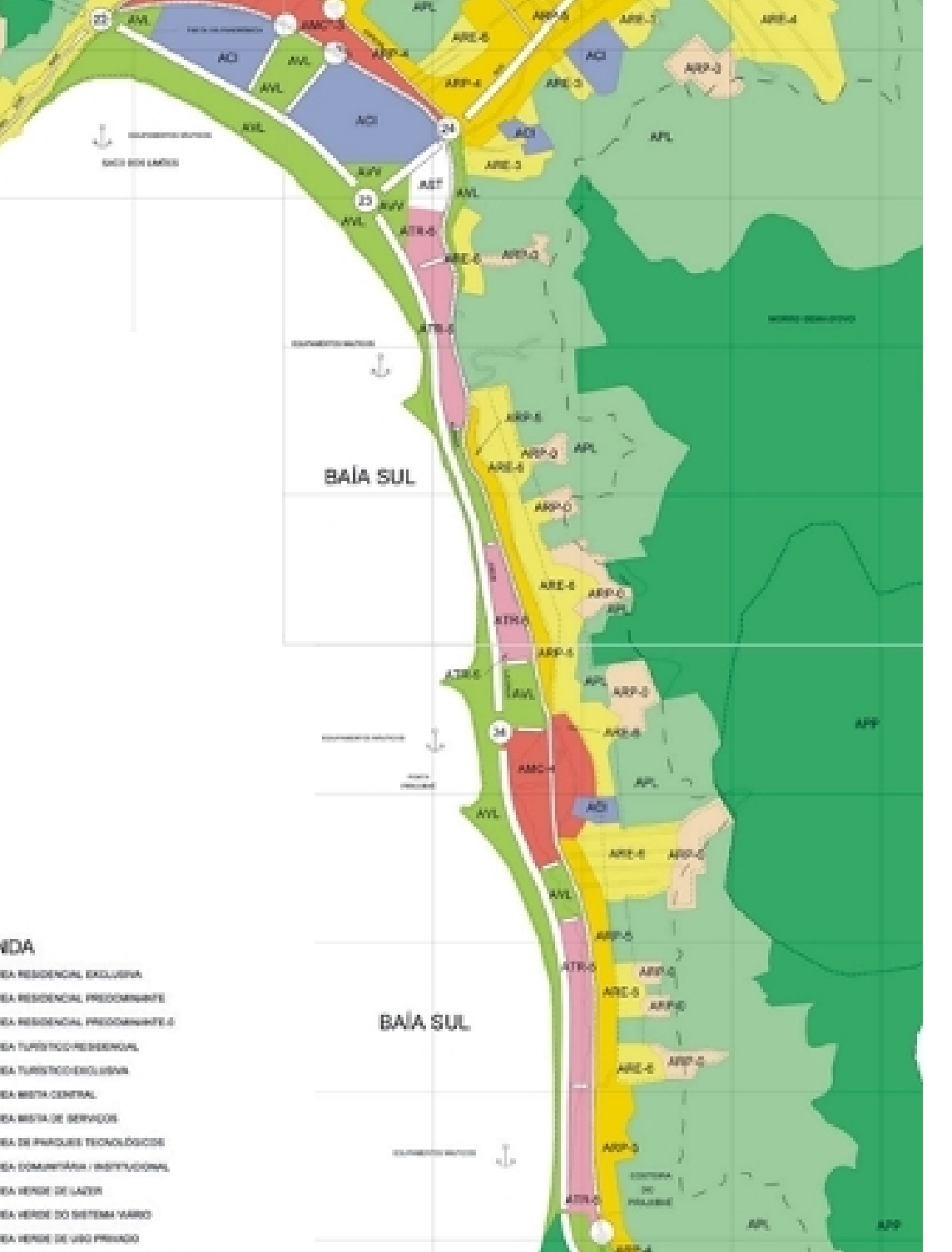
Nas vias, uma barreira arbórea protegerá as áreas de lazer, funcionando acústica e visualmente, além de barrar os fortes ventos que predominam no local.

CRONOGRAMA PARA TCC II

	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN
Plano Geral	▨	Macro			
Setores	▨	▨ geral			
Dentro Setores		▨	▨		
(pré) Proposta			▨	▨	
Desenvolvimento Final				▨	▨
			Pré Banca →	←Pré Banca	

BIBLIOGRAFIA

- Construtora Iguatemi (mapas digitais)
- IPUF (fotos aéreas)
- http://www.becodogato.hpg.ig.com.br/rio25.htm
- http://www.planetaimovel.com/conteudo/vizinhanca/riodejaneiro/materias/parques/flamengo/abre.asp
- http://www.tvcultura.com.br/aloescola/historia/cenasdoseculo/nacionais/burlemarx.htm
- http://www.rio.rj.gov.br/riotur/rioportu/natureza_naterro.htm
- http://www.suldailha.com.br/expressosul/expressosul02.htm
- Jornal A Notícia, edição de 12/02/2003
- Jornal Diário Catarinense, edição de 07/11/2002
- Guia Digital Florianópolis
- Plano Diretor da Área Central do Município de Florianópolis. Prefeitura Municipal de Florianópolis IPUF. 1997.
- MACEDO, Silvio Soares de. *Quadro do Paisagismo no Brasil*. São Paulo, 1999. [Coleção Quapá, Vol.1].
- MASCARÓ, Lucia Elvira Alicia Raffo de; MASCARÓ, Juan Luis. *Vegetação Urbana*. Edelbra. Porto Alegre, 2002.
- CABRAL, Oswaldo R. *Nossa Senhora do Desterro Notícia I*. Ed. UFSC, 1971
- VEIGA, Eliane. *Memória Urbana*. Ed. UFSC, 1993
- GARCIA, Loreley. *A Estrada Embruxada Impacto da Via Expressa Sul sobre a Reserva Extrativista Marinha de Pirajubaé/RESEX*. 1999 (pesquisa)

PLANO DIRETOR